Nota Técnica

Crise e trabalho nas metrópoles

Marcio Pochmann *

Julho de 2009

ipea 45 anos
Por um Brasil desenvolvido

ipea Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

ipea Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

NOTA TÉCNICA – IPEA

Crise e trabalho nas metrópoles

Marcio Pochmann[1]

[1] Professor licenciado do Instituto de Economia e do Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho da Universidade Estadual de Campinas. Presidente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).

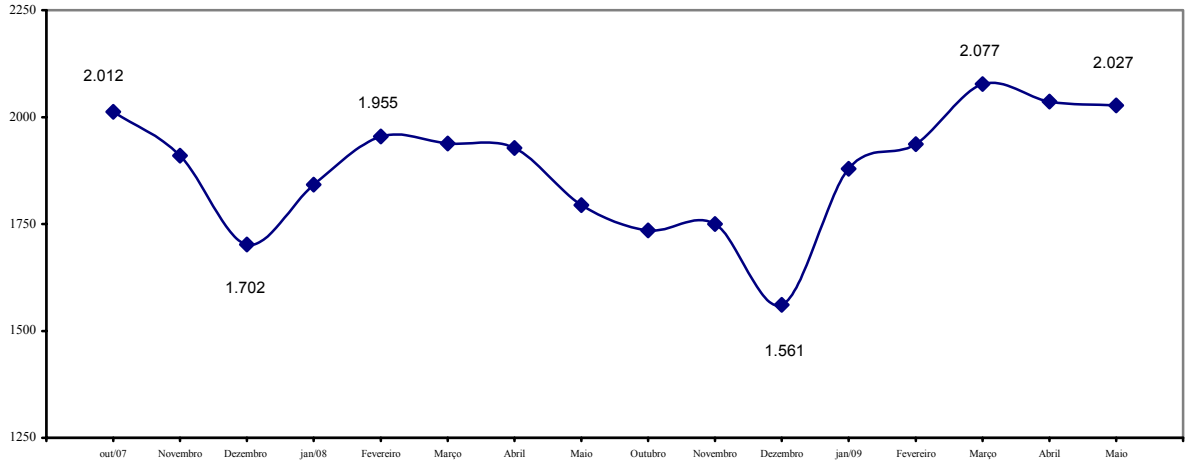
Crise e trabalho nas metrópoles

Marcio Pochmann[2]

A crise internacional contaminou fortemente o Brasil desde o último trimestre de 2008. No mercado de trabalho das seis principais metrópoles brasileiras (Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador e Recife) pesquisadas mensalmente pelo IBGE (Pesquisa Mensal de Emprego – PME), o impacto da crise não se deu de forma imediata.

Por efeito sazonal, o quarto trimestre de cada ano tende a registrar as melhores condições quantitativas de emprego da mão-de-obra, enquanto o primeiro trimestre de cada ano apresenta situação inversa. De fato, o comportamento do mercado de trabalho nas metrópoles brasileiras somente teve interrompida a tendência de queda do desemprego verificada entre fevereiro e dezembro do ano passado a partir de janeiro de 2009. Até maio deste ano, as condições de emprego da mão-de-obra agravaram-se consideravelmente, com elevação do desemprego acima do constatado durante o mesmo período de 2008.

Gráfico 1: Brasil metropolitano - evolução mensal dos desempregados (em mil)



Fonte: IBGE/PME (elaboração própria)

Entre janeiro e maio de 2009, a quantidade de desempregados no Brasil metropolitano aumentou 29,9% (466 mil trabalhadores). No mesmo período do ano passado, o número de desempregados tinha crescido somente 5,4% (92 mil trabalhadores).

Em virtude dessa importante modificação na trajetória do desemprego, apresentam-se brevemente as principais consequências recentes da crise internacional para o mercado de trabalho metropolitano. Têm-se como referência para o estudo, os dados sistematizados da Pesquisa Mensal de Emprego do IBGE no trimestre de março a maio de 2009 em comparação com o trimestre de março a maio de 2008[3].

---

[2] Professor licenciado do Instituto de Economia e do Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho da Universidade Estadual de Campinas. Presidente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).

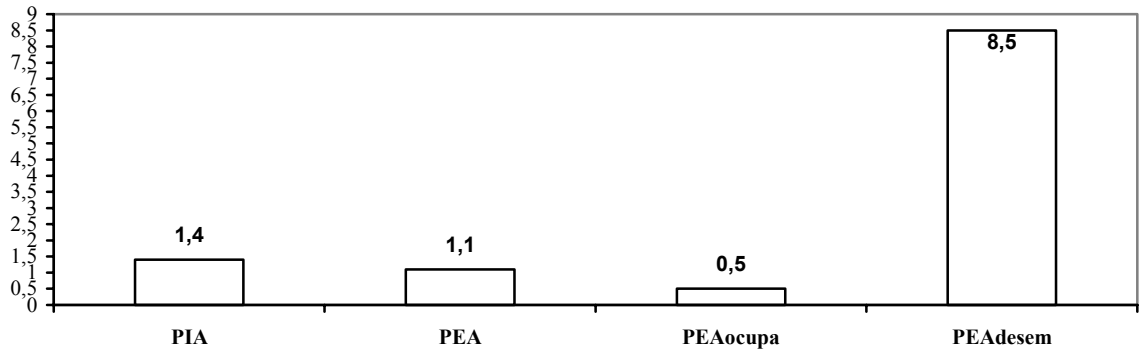
[3] A sistematização das informações deve-se a James Richard Santos e equipe.

Oferta e demanda de trabalhadores nas metrópoles brasileiras

No trimestre de março/maio de 2009 em comparação com o trimestre de março/maio de 2008, as seis principais regiões metropolitanas brasileiras incorporaram 505 mil novas pessoas no total da População em Idade Ativa (PIA). Deste universo, 250 mil pessoas assumiram a condição de inatividade (sem procurar ou realizar algum trabalho) e 255 mil ingressaram no mercado de trabalho como População Economicamente Ativa (PEA).

Com isso, a expansão da PEA foi de 1,1%, ou seja, 21,4% inferior ao crescimento da PIA. Assim, a taxa de participação que era 62,2% entre março e maio de 2008 decresceu levemente para 62,1% entre março e maio de 2009, evitando ainda uma maior pressão na oferta de mão-de-obra sobre o total de postos de trabalho gerados.

Gráfico 2: Brasil metropolitano - evolução da População em Idade Ativa (PIA), da População Economicamente Ativa (PEA), da População Economicamente Ativa ocupada e desempregada entre março-maio de 2008 e 2009 (em %)



Fonte: IBGE/PME (elaboração própria)

Do total de 255 mil pessoas que ingressaram no mercado de trabalho no trimestre de março/maio de 2009, somente 95 mil (37,2%) obtiveram algum tipo de ocupação. A parte restante de trabalhadores (160 mil pessoas) tornou-se, em consequência, desempregada (62,8% do total de ingressantes no mercado de trabalho).

Dos novos desempregados, 62,6% (100 mil pessoas) tinham entre 24 e 39 anos de idade, 20,5% (33 mil pessoas) encontravam-se na faixa de 40 a 55 anos de idade, 12,3% (19 mil pessoas) estavam com mais de 55 anos de idade e 4,9% tinham menos de 24 anos de idade (8 mil pessoas).

Para o caso dos 95 mil trabalhadores que conseguiram alguma ocupação, 128 mil novas vagas foram para quem tinha de 40 a 55 anos de idade e 124 mil postos de trabalho para pessoas de mais de 55 anos de idade. As faixas etárias com menos de 24 anos e de 24 a 29 anos de idade registraram diminuição no nível de ocupação, 145 mil e 12 mil postos de trabalho, respectivamente.

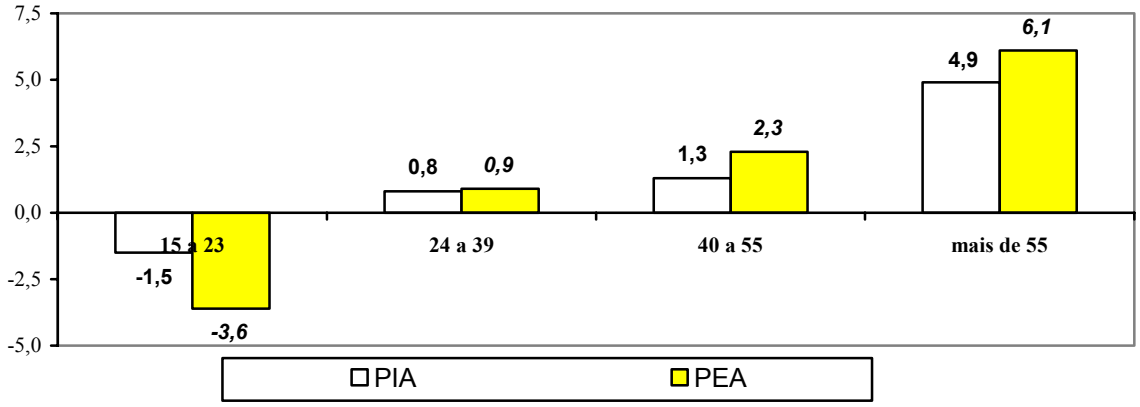
Ainda em relação às 95 mil novas vagas abertas no mercado de trabalho das principais metrópoles brasileiras, observa-se a expansão somente do emprego assalariado formal. Entre os assalariados, o saldo de emprego gerado no mesmo período de tempo, foi de 138 mil vagas, sendo o aumento de 199 mil ocupações formais e de queda de 61 mil vagas informais.

As ocupações não assalariadas, como autônomo, conta própria e empregador, por exemplo, registraram queda no total dos postos de trabalho. Ou seja, com fechamento líquido de 43 mil ocupações não assalariadas no mesmo período de tempo.

Comportamento da ocupação e do desemprego nas metrópoles brasileiras

Seguindo a distribuição da força de trabalho por faixa etária, percebem-se comportamentos muito distintos em relação à ocupação e ao desemprego. No trimestre de março/maio de 2009 em comparação com o mesmo período de 2008, nota-se a contração da PIA e PEA para a faixa etária de 15 a 23 anos de idade, de -1,5% e -3,6%, respectivamente.

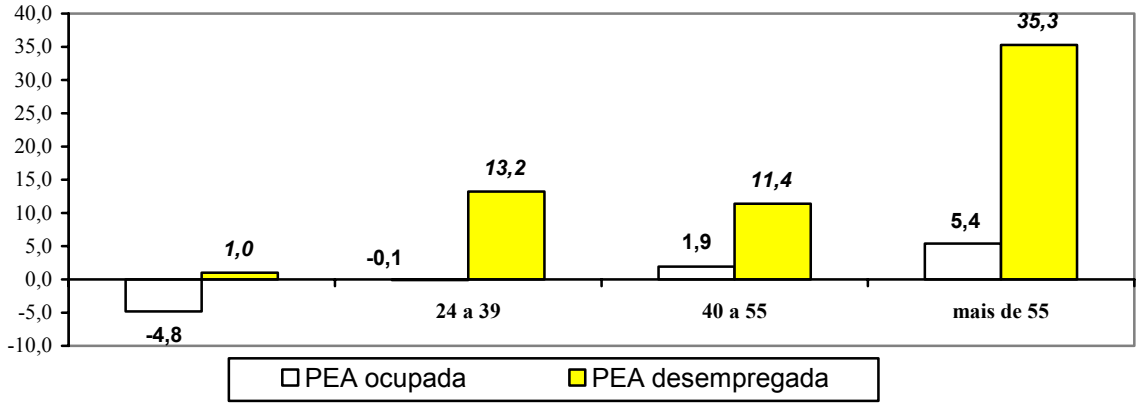
Gráfico 3: Brasil metropolitano - evolução da População em Idade Ativa (PIA) e da População Economicamente Ativa (PEA) entre março-maio de 2008 e 2009 segundo faixas etárias (em %)



Fonte: IBGE/PME (elaboração própria)

Para as demais faixas etárias houve expansão tanto da PIA como da PEA. Para os trabalhadores com mais de 55 anos de idade, a expansão da PIA (4,9%) e da PEA (6,1%) foram as mais significativas para o mesmo período de tempo considerado.

Gráfico 4: Brasil metropolitano - evolução da População Economicamente Ativa ocupada e desempregada entre março-maio de 2008 e 2009 segundo faixas etárias (em %)



Fonte: IBGE/PME (elaboração própria)

Diante do diferencial de comportamento na força de trabalho segundo a distribuição por faixas etárias nas seis principais regiões metropolitanas brasileiras, constata-se que a ocupação foi reduzida para os trabalhadores com até 39 anos de idade e aumentada para a população com idade de 40 anos e mais.

Considerações finais

A inflexão no comportamento geral do desemprego desde janeiro de 2009 refletiu mais precisamente o impacto da crise internacional no mercado de trabalho das seis principais regiões metropolitanas brasileiras. Mas o aumento do desemprego acima dos fatores de ordem sazonal do período analisado não se mostrou igual para todas as faixas etárias.

Os trabalhadores com mais de 55 anos de idade terminaram sendo, relativamente, os mais atingidos pelo desemprego, embora tenham sido eles os de maior expansão do emprego gerado. Os mais jovens terminaram sendo os menos penalizados, devido, por um lado, ao decréscimo da condição de atividade.

Por outro lado, a destruição de postos de trabalho informais e não assalariados se mostrou mais intensa para os segmentos de trabalhadores com até 39 anos de idade. O saldo líquido das vagas geradas foi positivo entre março e maio de 2009 em comparação com o mesmo período de 2008, sobretudo pela forte expansão do emprego assalariado formal, uma vez que as ocupações informais e não assalariadas parecem ter sido as mais penalizadas pela crise internacional.